

**Centro de Estudos  
Bahianos**

---

MAGALHÃES NETO

Reminiscências

---

**PUBLICAÇÃO  
SALVADOR - BAHIA**

**70**

MAGALHÃES NETO

BIBLIOTECA
Centro Recursos Humanos
UFBA
Nº 1089,93

# REMINISCÊNCIAS

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Geral,  
Prof. José Calasans, Academia de Letras da Bahia, Terreiro de Jesus,  
Salvador — Ba.

SALVADOR — BAHIA — 1971

Francisco Peixoto de Magalhães Neto, Magalhães Neto, (1897-1969) era excelente expositor, sabendo escrever com bom vernáculo, clareza e graça. Esbanjava talento e conhecimento nas reuniões públicas e nas conversas entre amigos. Não sentia, porém, a sedução de levar para o papel o muito que sabia e recordava. Seus amigos, insistentemente, nos encontros diários do Instituto Histórico, lembravam-lhe a necessidade dos seus escritos, sobretudo das reminiscências pessoais. Prometia fazê-lo. E partiu para sempre sem deixar a prometida contribuição ao estudo da vida baiana, que ele tanto conhecia.

Na falta do maior, o Centro de Estudos Bahianos não quer que se percam algumas notas menores que o saudoso baiano escreveu. Na presente publicação, aparecem reunidas duas palestras pronunciadas no Rotary Club da Bahia e no Rotary Club Bahia Norte, ambas ligeiras como se exige em Rotary, onde o palestrante dispõe de poucos minutos, mas repletas de boas informações e cheias daquele modo peculiar, do estilo de Magalhães Neto.

## LARGO DO TEATRO

Sempre que lograva iludir a vigilância de Salustiana, então sujeita a frequentes distrações, ante a insistência dos olhares de um anspeçada do 9.º, fugia eu, de pinote e aos pinotes, até à venda do Perfeito: — 2 de **maduro**, 3 de **bolachas de macaco**, e lá se ia a metade do dinheirinho que meu pai me dava. 2 de **maduro**, 3 de **bolachas de macaco** — ai estão expressões talvez desconhecidas de grande número, senão da maioria, dos ouvintes. Convem, por isso, explicá-las: 2 vintens de **maduro**, 3 vinténs de **bolachas de macaco**. Bons tempos, êsses de minha infância, em que com 4 e 6 centavos se compravam coisas. Com meia pataca (16 centavos) se fazia uma fritada. Com um sêlo e 4 (50 centavos), Salustiana, minha ama sêca, a babá, como hoje se prefere dizer, poderia adquirir um côvado de excelente cretone.

2 de **maduro**, 3 de **bolachas de macaco**: **Maduro** — um refresco, uma inocente bebida, preparada com rapadura ou açúcar mascavo e gengibre, a que, às vêzes, os taverneiros acrescentavam um pouco de suco de fruta, quasi sempre abacaxi.

O **maduro** era o primo pobre da muito requestada gengibirra, interpretação baiana da gingerale, que se distribuía em garrafas de barro polido, com as rôlhas fortemente fixadas a barbantes.

As **bolachas de macaco**, ah as deliciosas bolachinhas, vendidas a 3 por 2 (3 por 2 vinténs), com o tamanho e a côr de uma moeda de 40 reis —, maravilhosa mistura de rapadura ou mel de engenho, gengibre e farinha do reino, em cuja dureza a meninada afiava os dentes.

A venda do Perfeito era no Largo do Teatro, a pequena distância da casa em que morávamos.

Não tinha o largo o aspecto de agora. Irregular quadrilátero, seu lado superior era formado por uma fila de casas que se esten-

diam da rua da Ajuda à dos Capitães, então muito mais estreitas. Para o alargamento dessas ruas, tais casas foram demolidas, construindo-se, no espaço vago, o Hotel Meridional, que, aliás, avançou um pouco para dentro da praça, a fim de que se fizesse "o bico da posse", na mesma ocasião em que se permitia "a curva do peito".

O lado de terra da rua dos Capitães descia, sem descontinuidade, pelo Largo até um beco que levava ao Curriachito.

Depois do beco, dois jardins, protegidos por grades de ferro e separados um do outro pela entrada da rua do Curriachito, onde, num estreito barracão que fôra mercado, se aquartelava o Corpo de Bombeiros. No lado oposto o Teatro S. João e um gradil fixado à muralha da Montanha — Em frente à fachada principal do teatro, belíssima amendoeira e artístico chafariz de mármore, que muito trabalho dera aos investigadores de nosso passado, quanto ao significado da estátua que o encimava, ou antes, o encima, que o chafariz ainda existe, embora em outro sítio.

O resto da praça mais ou menos como é.

A venda do Perfeito, a tal do **maduro** e das **bolachas de macaco**, era à esquina da Ajuda. E a nossa casa ficava no prolongamento da rua dos Capitães, bem perto do edifício da Fotografia Lindeman, junto ao depósito de massas de "Seu Dante", caboclo inteligente, violinista e professor de música, sempre solícito no proporcionar-me as custas de meu pai, é claro, verdadeiras orgias de **roscas**, **piruletas** e **cabeças de frade**, orgias que, às vêzes, se completavam com o **açúcar candi**, comprado ao velho Hermelino Ribeiro na Farmácia à rua Chile, por baixo do Grêmio Literário.

"Seu Dante" era um boníssimo sujeito. Tomava conta do meu velocipede, do velocipede que eu pedalava, indo e vindo ao longo do passeio, da rua dos Capitães a dentro, até a casa de prestigiosa família, da qual fazia parte um môço de bigodinho, muito admirado de toda vizinhança, desde que, uns dez a doze anos antes, saudara a Ruy Barbosa, em esplêndido discurso.

Chamavam-no na intimidade de Bebé. Os visinhos Dr. Bebé. Bernardino Madureira de Pinho — aí têm o nome todo.

Eu, porém, mais que ao Dr. Bebé, admirava a "Seu Chico Gonsalves", marido de D. Virgínia Castro Alves, filha, diziam, do poeta imortal.

Admirava "Seu Chico Gonsalves", não porque fôsse clarinetista exímio, mas pelas **pongas espetaculares** aos estreitíssimos estribos dos bondinhos de burros.

A **ponga**, na descida do Largo era difícil e perigosa; a rampa muito mais forte do que hoje é. E o bondinho tinha que descer sem burros até à amendoeira, onde se abrigavam os sotas.

Das janelas de casa, eu via, apenas, os bondes que vinham do Terreiro. Os de volta seguiam pelo viaduto, a cavaleiro da Montanha, ao longo da fachada lateral do teatro e dos fundos das casas da rua Chile, saindo na Praça do Conselho, quasi junto ao Elevador.

Os bondinhos, o velocipede, as gulodices eram-me as distrações durante o dia — A noite as histórias da Salústiana, aos quados interrompidas pela passagem de seresteiros, com as cantigas em voga: "Iáíá me deixe", "A Europa curvou-se ante o Brasil", "Deixe estar jacaré que a lagôa há de secar".

Sem falar no tríduo de Momo, meu grande dia era o 15 de Agosto, a festa das Angústias e de N. S. da Bôa Morte, com as atrações dos **aneis de vidro** e os cavalinhos do João Bolama.

Fiquem por aí as reminiscências da infância a que se junta a recordação da molecada a pedir palpites para o "bicho" à "Xodó" e a arrelhar à "Quiabo Duro", ao "Galinha com Pão" e a outros tipos de rua, entre os quais o bem vestido "Noventa", cujo sobrinho ao matricular-se na Faculdade de Direito, só pela culpa de ter um tio 90, foi alcunhado de 45.

Já cresci — Tenho 15 anos. Vamos juntos ao S. João. Ao teatro cuja construção foi iniciada em 1806, no govêrno de D. João Saldanha da Gama e Melo, e terminada, em 1812, pelo 8.º Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito.

Vamos ao velho teatro, o terceiro da Cidade do Salvador, pois que, antes dêle houve a Casa da Opera, à rua do Saldanha, e o teatro da Guadalupe, na praça que atualmente tem o nome do Conselheiro Junqueira.

Estamos às alturas de 1913. Funciona aí o Cinema do Rubens Guimarães, ao preço cômodo de 500 réis a cadeira e 300 réis o **galinheiro**, preços um tantinho mais baixos que os do Cinema Bahia, à rua Chile, e do Cinema Central, no prédio do Hotel Paris.

Depois das fitas curtas, quatro ou cinco por sessão, começam a aparecer as "fitas de sucesso", de quatro partes e mais.

Dominam as películas italianas. Francesa Bertini, Lidia Borelli, Pina Menichelli são a paixão do momento. Fazem vibrar, chorar até. Da mesma sorte que motivam estrepitosas gargalhadas o espírito gaulês de Max Linder, em filmes da Pathé, e as diabruras do Deed e do Tontolini.

Ainda se não exibem as fitas americanas. Hollywood nem sequer é um sonho.

Passam-se, entretanto, além das fitas italianas e francêsas, os filmes da Nordisk e da D. K. G., companhias dinamarquêsas. São de alto prestígio, sobretudo quando nêles figura o extraordinário Waldemar Upsilonander.

Rubens, por 5 tostões, nos dá um programa excelente, a que acrescenta a apresentação de toleráveis cançonetistas.

Saindo do teatro, talvez encontremos algum rôlo, grossa pancadaria, quem sabe? Andam por aí o valente Ferreirinha, o Alcides Santos, o Vanique e os elegantes, mas sempre destemidos, Mattos Guerra e Elpidio da Loja Mateus.

Pelas dúvidas, entremos no Luso, na Confeitaria Luso-Brasileira, do velho Bouças e seu filho Lino, amigos de meu pai, frequentador assíduo da casa. Aí encontramos a "jeunesse dorée", da época. E bohemios famosos como o espirituoso e sempre bem posto Rodrigues Gesteira, o Alvaro Gonsalves, o Macêdinho da Delegacia, poeta do "Canário".

Aí está, também, muita gente de prol: o clínico notabilíssimo Frederico de Castro Rebello, Virgilio de Lemos, erudito jornalista, parlamentar e professor, o insigne jurista Eustáquio de Seixas e outros grandes nomes.

Da sala dos bilhares chegam-nos os berros do velho Bernardino de Rezende, comerciante português, em animada partida com os patricios Capitão 19, Mané meu bem e Antonio Marinho, da Loja Vulcano, lusitanissimo na chalaça.

Ao retirarmo-nos do Luso, topamos com Alvarenga, o ferreiro da ladeira da Conceição, muito bem posto de "Croise", calças de fantasia, colete aveludado, ornado de grossa cadeia de ouro de que pende uma medalha de brilhantes e que, por certo, segura um volumoso relógio Waltham. O elegante ferreiro que, para efeitos de namoro, gosta de passar por pianista, convida-nos para uma excursão ao Hotel Paris, à esquina de S. Bento. Não vale a pena aceitar o convite. Para que tomarmos mais um chope no bar que reocupa o seu sítio no pavimento térreo do Hotel, uma vez extinto o cinema do Ulisses Ferreira? Subir? Para que? Em cima é uma Babel — a confusão das línguas e outras confusões. —

Melhor é irmos para casa. Antes, porém, recomfortemos o estômago com café e pão de leite, naquele quiosque perto da Lindeman.

Serão uns tostõesinhos bem empregados.

## SANTO ANTÔNIO

Não poderia, de nenhum modo, como, em verdade, não pude, negar ouvidos ao chamamento do Eduardinho. Flue o diminutivo como expressão de um afeto que data de quando êle e o Rubens, ainda rapazêlhos, já revelavam, em tendências expressivas de vocações diferentes, os traços comuns por que, em ambos se haveria de refletir, diamantinamente, a suma dignidade de Eduardo Lins Ferreira de Araújo, o insigne cientista e professor, a várias luzes, notável.

Eduardinho, o Dr. Eduardo Araújo Filho, favorece-me com o prazer de vossa companhia, pedindo-me impressões da mocidade — da mocidade, que, aí de mim, tão longe vae. Faço-lhe a vontade, sem nenhum constrangimento.

Quando o inverno se anuncia, a gente se compraz em recordar. E como é bom volver os olhos para o passado distante, para o tempo feliz em que, ainda estudante de medicina, assistia, em casa de colega, ali na rua do Tijolo, as trezenas de Santo Antonio, frequentadas por moçoilas encantadoras, louras ou morenas, sem rouge, nem baton, cabelos tão compridos quanto as saias e artisticamente dispostas, sem os artifícios das permanentes ou mise en plis. Rezava, com elas: "Se milagres desejas, recorrei a Santo Antonio, vereis fugir o demônio e as tentações infernais" — Tentações que, estas sim, não eram ontem, menos terríveis do, que hoje.

Não faltará quem, entre vós, aponte a impropriedade do qualificativo. Quem quizer substituir, a locução por tentações desejáveis ou deliciosas, que o faça, não eu.

Depois da reza, e dos foguetes, bombas, balões, em honra ao casamenteiro santo, animavam-se as danças: Valsas, polkas, "pas de quatre", e, até mesmo, Nasurkas, ao som do piano, que o Rocha, o Aristides, o Dudú Lobinho e outros, regiamente remunerados a 5\$000 por noite, tocavam, de ouvido, com rara habilidade. Não se chamavam "as damas", qual hoje se faz com um deselegante "psiu" ou

simples movimento do indicador. Não. O convite à dança obedecia a formalismo diferente: Era, mais ou menos, assim: "Conceda-me a Senhora a honra desta contradança", ou, quando alguma intimidade havia: "Você tem compromisso para a próxima valsa? Poderá, dançar comigo?" Considerava-se inconveniente dançar, vészes seguidas com a mesma dama, visto que motivava murmurações desagradáveis. Vale lembrado que dançar era, por dizê-lo, uma arte que se aprendia nos colégios, com o Travena ou o Bento, para citar, apenas, os professores de dança mais famosas.

Nas noites das trezenas, cangica ou manauês eram servidos, quando não ambrosia ou fios d'ovos, e, acompanhando os manjares, o genipapo, o delicioso licor de genipapo ou o licor de rosas, preferido pelas senhoritas, que então não se falava em pequenas ou brotos...

Na grande noite, i e, na noite de 13, o solene oferecimento e, após, dansas, mais animadas ainda, e o obrigatório recitativo o que vale dizer, a declamação de poesias, ao som da "Dalila".

Ao fim da festa — "profuso copo d'água", como noticiavam os cronistas sociais de então.

**Profuso copo d'água** — é expressão que convem explicada. Que profuso é copioso, abundante, todos sabemos. O mesmo talvez não se dê em relação a copo d'água que, no caso, quer dizer, ou queria dizer, "ceia ou lanche em recepções elegantes".

Era, assim, em casa de Berrimor e em centenas de outros lares soteropolitanos que imenso sempre foi o prestígio de Santo Antonio de Lisboa, como chamam os portugueses, de Santo Antônio de Pádua, como o denominavam os italianos, por pretenderam a exclusividade do Santo com o que não concordaram os bravos lusitanos, em querela famosa, que Leão XIII decidiu, considerando-o do mundo inteiro. E' porém, *par droit de naissance*, o santo português. Português e brasileiro, que a nós, nô-lo trouxe Cabral, para que nos protegesse com o seu miraculoso poder.

Para êle apela o matuto, em beneficio da paz doméstica, quando canta:

Santo Antonio pequenino  
Mansador de burro brabo  
Vem amansar minha sogra  
Que é levada do diabo

Sua ajuda é imprescindível ao achamento de coisas perdidas:

E' Santo Antonio meu Santo  
Nunca estou desamparado  
Me protege com seu manto  
Meu perdido é logo achado.

E' o taumaturgo lisboeta, o objeto especial da devoção das solteirinhas e ainda das solteironas que, quando não atendidas roubam-lhe o menino, se não o escondem em um poço para ameaçar, como neste exemplo:

Meu Santo Antonio querido,  
Meu Santo de carne e osso  
Se não me deres marido  
Eu não te tiro do poço.

É mais comum, entretanto, a confiança ilimitada na sua taumaturgia em relação a amores e casamentos. Bem é que ouçais este delicioso diálogo:

Eu conheço um Santo Antonio  
Que é tão bom até demais  
Reso um credo pela frente  
Os noivos pulam atrás.

Pois eu tenho um Santo Antonio  
Melhor que êsse não há  
Para arranjar bom marido  
Nem preciso de rezá.

Há, por igual, as cautelosas, previdentes, que dêste jeito ao Santo se dirigem:

Santo Antonio de Lisboa  
Feito de pinho de lei  
Ó Santo Antonio perdôa  
Os beijos que inda não dei.

Reforça o prestígio do que, no século, se chamou Fernando de Bulhões, o significado excelço de seus prodígios militares. Êle, o santo franciscano, os realizou, numerosos e brilhantes, capitão que foi em Portugal e no Brasil, com percepção de Soldo. De tais prodígios, por que me não alongue, um apenas destaco, por mais de perto nos interessar a nós, os filhos desta leal e heróica Cidade do Salvador.

É o milagre de S. Antônio de Arguim — Tendo certas tropas calvinistas conquistado a **Fortaleza de Arguim**, na costa africana, nela encontram uma bela imagem de Santo Antônio. Golpeam-na sacrilegamente e a seguir, lançam-na ao mar, pedindo ao Santo que os guie até a Bahia, que pretendem conquistar. A armada que os conduz, em demanda desta cidade, então capital do Brasil, é destroçada por tremendo temporal. Perdem-se vários navios. A nau capitânea, no entanto, logra chegar a terras de Sergipe, onde os calvinistas sobreviventes são presos e remetidos, por terra, à Bahia, para que sofram castigo.

Ao chegarem os presos às praias de Itapoan, defrontam-se com a mesma Imagem que haviam lançado ao mar e que ali se encontrava, diz Rocha Pita, "de pé, como esperando para os conduzir a cidade, em execução do que lhe tinham pedido".

Apesar de tanto prestígio na paz e na guerra Santo Antonio, sofreu, em terras da Bahia, rigoroso processo e foi levado ao banco dos réus.

Resumo o caso, contado por Silva Campos: Piedosa Senhora, proprietária da Fazenda Queimada, fizera construir uma capelinha para o Taumaturgo, doando, ao seu padroeiro vastas terras e numerosos escravos. Um desses escravos do Santo, praticou um crime de morte no adro da Capela, evadindo-se em seguida. A' queles tempos, quando o senhor de um escravo criminoso não o entregava a justiça, "sofria por êle". Por isso, o juiz do termo processa o Santo, tira a imagem da Capela para a prisão. Foi a imagem submetida a juri, sendo condenado Santo Antônio das Queimadas a perder todos os seus bens. A propósito de caso, a que Tobias Barreto se refere em carta a Silvio Romero, ouvi, há cerca de 30 anos, de um cantor de Juazeiro, esta trovinha gostosa:

Santo Antonio da Queimada

Só foi preso porque quiz

Mas virou alma penada

O marvado do juiz.

Santo Antonio — preso!!! Preso, realmente, sempre esteve, como está, a nossos baianíssimos corações, inspirando-nos a' perseguir, fidelissimamente os ideais de solidariedade humana, que n'uma só palavra se resumem, a palavra de vosso alma, —

Servir

#### PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS BAHIANOS

1. SANTIAGO, Anfrisia. *Capelas antigas da Bahia*. Salvador, 1951.
2. SOUZA, Affonso Ruy de. *O primeiro teatro do Brasil; documentos de 1733, sobre o Teatro da Câmara da Cidade do Salvador*. Salvador, s. d.
3. SILVA, José Calasans Brandão da. *Um discurso de Silvio Romero*. Salvador, s. d.
4. EDELWEISS, Frederico. *O Príncipe de Joinville no Brasil*. Salvador, 1951.
5. NEESER, Hermann. *A Colônia Leopoldina (1858)*. Salvador, 1951.
6. EDELWEISS, Frederico. *O cacau e o café na economia brasileira*. Salvador, 1951.
7. SILVA, Alberto. *O cronista e a crônica do Brasil (documentos seiscentistas)*. Salvador, 1951.
8. TEIXEIRA, Cid. *Um depoimento diplomático (correspondência do consul americano na Bahia, 1821-1825)*. Salvador, 1951.
9. SOUZA, Affonso Ruy de. *Amor de príncipes; diário do tenente Maurice Touchard — 1843*. Salvador, 1951.
10. SILVA, Alberto. *O processo dos eclesiásticos da Inconfidência Mineira — Sentença conhecida*. Salvador, 1951.
11. SOUZA, Affonso Ruy de — *Estadistas baianos do Império*. Salvador, 1951.
12. SILVA, Alberto. *Um documento inédito sobre as fortificações da Cidade do Salvador*. Salvador, 1952.
13. LIMA, José. *Padroeiros da Cidade do Salvador*. Salvador, 1952.
14. SILVA, José Calasans Brandão da. *A Guerra de Canudos na poesia popular*. Salvador, 1952.
15. NEESER, Hermann. *Sobre a Campa Brazonada no Convento do Carmo*. Salvador, 1952.
16. SILVA, Alberto. *Um "diário" inédito sobre a Bahia*. Salvador, 1952.

17. COSTA, Luiz Monteiro da. *Construções navais da Bahia no século 17; o Galeão "Nossa Senhora do Populo"*. Salvador, 1952.
18. MATTOS, Waldemar. *Contribuição ao estudo da Sesmaria no Brasil*. Salvador, 1953.
19. TEIXEIRA, Cid. *Contribuição ao estudo dos Morgados em Portugal e no Brasil*. Salvador, 1953.
20. COSTA, Luiz Monteiro da. *O forte que foi arrematado em hasta pública*. Salvador, s. d.
21. SOUZA, Affonso Ruy de. *Um agitador baiano: Cipriano Barata de Almeida*. Salvador, 1953.
22. PRÍNCIPE, Antônio Carlos Brochado. *Contribuição ao estudo do ciclo de festas tradicionais da Bahia*. Salvador, s. d.
23. BULÇÃO SOBRINHO, Antônio de Araújo de Aragão. *O pregoeiro da República (Virgílio Clímaco Damásio)*. Salvador, s. d.
24. WILDBERGER, Arnold. *A Bahia de 1676 vista por um médico francês*. Salvador, s. d.
25. VIANA, Antônio. *Crônicas da Bahia*. Salvador, s. d.
26. GUIMARÃES, Archimedes Pereira. *Esplendor e agonia do Instituto Bahiano de Agricultura (1859-1902)*. Salvador, 1954.
27. SILVA, José Calasans Brandão da. *Achegas ao estudo do Romanceiro Político Nacional*. Salvador, s. d.
28. SILVA, Alberto. *A Lenda de Sumé na Historiografia Bahiana*. Salvador, s. d.
29. COSTA, Luiz Monteiro da. *"O engenheiro jesuíta Stafford confessor do Marquês de Montalvão"; apontamentos para a história do primeiro vice-rei do Brasil*. Salvador, 1954.
30. VALADARES, José. *Arte brasileira — publicações de 1943-1953; bibliografia comentada com índice remissivo*. Salvador, 1955.
31. BARBOSA, Manoel de Aquino, cônego. *O sitio do arraial e da sepultura de D. Marcos Teixeira — o bispo soldado*. Salvador, s. d.
32. BULÇÃO SOBRINHO, Antônio de Araújo de Aragão. *A Bahia nas Côrtes Gerais de Lisboa de 1821*. Salvador, s. d.
33. VIANNA, Hildegardes. *A Proclamação da República na Bahia (aspectos folclóricos)*. Salvador, s. d.
34. GUIMARÃES, Archimedes Pereira. *Primórdios do ensino da Química na Bahia*. Salvador, s. d.
35. BRITO, Manuel Joaquim de Souza. *Cantos e festas populares*. Salvador, 1957.
36. EDELWEISS, Frederico. *Dois caudilhos (Como os viu o consul inglês Ernest Hambloch)*. Salvador, 1958.

37. ABREU, George. *Curiosidades da Cidade do Salvador no século XVII*. Salvador, s. d.
38. AMORIM, Deolindo. *A Bahia nos gabinetes ministeriais da Monarquia*. Salvador, s. d.
39. VIANA, Angela Maria A. Martins. *Lápides da igreja de Santa Teresa*. Salvador, 1960.
40. TAUNAY, Affonso de E. *Um sueco na Cidade do Salvador (1756)*. Salvador, 1960.
41. SOUZA, Affonso Ruy de. *Contribuição ao estudo das manifestações corporativas na Bahia do século XVII*. Salvador, 1960.
42. SOUSA, Deraldo Inácio de. *Bibliotecas da Bahia — 1952; contribuição para um inquérito cultural*. Salvador, 1960.
43. EDELWEISS, Frederico. *A visita de Maximiliano da Austria à Bahia*. Salvador, 1961.
44. SAMPAIO, Bernardo Pedral. *Lingua portuguesa no Brasil; modalidades de falar nos estados da Bahia e São Paulo*. Salvador, 1961.
45. SILVA, José Calasans Brandão da. *Lulu Parola e os acontecimentos políticos de 1891*. Salvador, 1967.
46. SOUZA, Affonso Ruy de. *Bahia, 1842...* Salvador, 1967.
47. COSTA, Luiz Monteiro da. *Um manuscrito raro; holandeses na Bahia em 1638*. Salvador, 1967.
48. AMORIM, Deolindo. *Tradições comerciais da Bahia; I. quartel do Século XX*. Salvador, 1968.
49. MORENO, Diogo de Campos. *A Bahia no livro do Sargento-mor; livro que dá razão do Brasil — 1612*. Salvador, 1968.
50. SANTIAGO, Anfrísia. *D. Raimunda Porcina de Jesus (A chapadista)*. Salvador, 1968.
51. CARVALHO FILHO, Aloisio de. *Um depoimento para a História*. Salvador, 1968.
52. SOUZA, Affonso Ruy de. *A Relação da Bahia (Contribuição para a História Judiciária do Brasil)*. Salvador, 1968.
53. COELHO, Antônio Alves. *Contribuição ao estudo das artes brasileiras; quatro artistas baianos*. Salvador, 1968.
54. CARVALHO FILHO, Aloisio de. *Coelho Netto e a Bahia*. Salvador, 1968.
55. SOUZA, Affonso Ruy de. *Xisto Bahia símbolo do teatro baiano (Uma tentativa biográfica)*. Salvador, 1968.
56. SILVA, José Calasans Brandão da. *Notícias de Antônio Conselheiro*. Salvador, 1968.



57. EDELWEISS, Frederico. *Camarajipe e Lagoa Abaité*. Salvador, 1969.
58. SALLES, David. *Bibliografia de & sobre Xavier Marques*. Salvador, 1969.
59. EDELWEISS, Frederico G. *Achegas cronológicas para a história do farol no forte de Santo Antônio da Barra*. Salvador, 1969.
60. CERQUEIRA, Paulo Pedreira de. *O Visconde do Rio Branco*. Salvador, 1969.
61. COELHO, Antônio Alves. *Contribuição ao estudo das artes brasileiras; quatro artistas baianos*. II Salvador, 1969.
62. SILVA, José Calasans Brandão da. *Juarez Távora na Bahia*. Salvador, 1969.
63. BARRETO, Filinto Elísio do R. *O comendador Antônio Francisco de Lacerda e a evolução dos transportes urbanos na Cidade do Salvador*, 1969.
64. PERES, Fernando da Rocha. *Os filhos de Gregório de Mattos e Guerra*. Salvador, 1969.
65. AGUIAR, Pinto de. *História de um Banco*. Salvador, 1970.
66. FLEXOR, Maria Helena. *Noções de Paleografia*. Salvador, 1970.
67. SIMÕES, Isa Maria Drumond. *Três figuras literárias da Bahia*. Salvador, 1971.
68. MARIANI, José Bonifácio de Abreu. *Povoamento da Bahia: século XVI*. Salvador, 1971.
69. ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. *Ata de Fundação*. Ed. Facsimilada. Salvador, 1971.
70. MAGALHÃES NETO — Francisco Peixoto de. *Reminiscências* — Salvador, 1971.

Novembro de 1971



Composto e Impresso na  
Editôra Beditina Ltda.  
Salvador - Bahia